

European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO da SANTIDADE

NOVEMBRO, 1991



GRATIDÃO EXIGE EXPRESSÃO

“Rendei graças ao Senhor, invocai o seu nome, fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos. Cantai-lhe, cantai-lhe salmos: narraí todas as suas maravilhas” (Salmo 105:1-2).

O Salmo 105 é dos quatro maiores hinos da história de Israel. Através desta avaliação dá-se ênfase à misericórdia e fidelidade do Senhor para com o Seu povo, demonstradas em “todas as Suas maravilhas”. Este canto é especialmente notável pela repetição constante do pronome *ele* — “Ele confirmou”, “Ele fez”, “Ele enviou”, etc. Existem no Salmo 105 cerca de 40 referências que dramatizam a interação nos eventos realizados por um Deus pessoal e poderoso! Ele é imediato, solícito e imutável.

O Salmista exorta-nos a “render graças ao Senhor” por Sua maravilhosa intervenção e provisão; a “invocar o Seu nome”, certos do Seu apoio e evidências da Sua bondade; e a “fazer

A Oferta de Gratidão é importante para ajudar as nossas igrejas a levantarem parte do Orçamento Geral para evangelismo mundial.



—DONALD D. OWENS
Superintendente Geral

conhecidos entre os povos, os Seus feitos” (v.1). Na história de Israel, a presença de Deus no meio do Seu povo era, acima de tudo, o elemento que mais testificava às nações acerca de Sua protecção e honra.

No conceito hebraico, “invocar a Deus” é usado frequentemente no sentido de “O proclamar publicamente”, isto é, anunciar entre todas as nações com canto e melodia as obras misericordiosas de Deus.

Realmente, a gratidão exige tais expressões. Durante décadas a Igreja do Nazareno tem procurado associar-se ao louvor, participando numa oferta de gratidão a Deus, de acordo com a

O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XX — Número 11

NESTE NÚMERO

Novembro, 1991

chamada divina para o cumprimento da Grande Comissão. Sendo o louvor precioso ao coração de Deus, é apropriado que este "movimento de gratidão" continue com devoção crescente.

A Oferta de Gratidão é importante para ajudar as nossas igrejas a levantarem parte do Orçamento Geral destinado a evangelismo mundial. No ano passado a Igreja do Nazareno apoiou, através destes recursos, os seguintes esforços para "fazer conhecidos, entre os povos, os Seus feitos":

—622 missionários em 92 áreas mundiais

—185 distritos de Missão Mundial

—39 colégios bíblicos e seminários em áreas mundiais, com uma matrícula de mais de 3.913 alunos

—Três colégios de

preparação para enfermagem

—Três hospitais e 35 clínicas ministrando anualmente a mais de 353.495 enfermos

—Mais de 45.000 crianças

educadas em 373 escolas nazarenas primárias e secundárias nas áreas de Missão Mundial

—Um colégio de treinamento para professores

—Um colégio para jovens

cristãos

—Material impresso em 50 idiomas

—Casa Robles para abrigo de missionários aposentados

—Pensões para missionários aposentados

—Programas de "Impacto às Cidades"

—Administração de ministérios e serviços da denominação.

Por tudo isto louvamos a Deus e agradecemos ao nosso povo.

"Cantai-lhe, cantai-lhe salmos; narraí todas as suas maravilhas" e "lembrai-vos das maravilhas que fez" (vs.2,5). □

GRATIDÃO EXIGE EXPRESSÃO	2
EXALTAÇÃO DA MEDIOCRIDADE	4
SALMO XXIII	5
CRISTÃOS DAS CATACUMBAS	6
LOUVOR INFANTIL	8
TEREI QUE ME CONVERTER?	9
TENSÃO FINANCEIRA NA FAMÍLIA	10
O MEU ESTIMULANTE: A BÍBLIA	11
ÚNICO MEDIADOR	12
O CULTO DE ADORAÇÃO	13
PERDÃO E RECUPERAÇÃO—SERÁ PEDIR DEMASIADO?	14
PORQUE ACREDITAR NA BÍBLIA?	16
ADORAÇÃO EM FAMÍLIA	18
SOLIDÃO	19
MILAGRE	20
NENHUM COMPROMISSO (M. Jovem)	21
TERAPIA DA GRATIDÃO	22
QUEM SALVARÁ AS CRIANÇAS? (P. Missionária)	23
A PALAVRA DE DEUS	24
DEPOIS DA ORAÇÃO, O FOGO (P. Devocional)	25
PERGUNTAS E RESPOSTAS	26
O CAMPO É O MUNDO	27

FOTOS: Capa—J. Barros; p.6—Luoma; p.—H. Fussle; p.20—Wallowitch; p.22—E. Rawlings

BENNETT DUDNEY, Director Geral

JORGE M.S. BARROS, Coordenador Internacional

MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial

ACÁCIO PEREIRA, Redactor

ROLAND MILLER, Artista

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, EUA. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, EUA. Direitos reservados (1991) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, EUA.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Copyright (1991) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO.64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, USA.

EXALTAÇÃO DA MEDIOCRIDADE

A Teologia da Liberação pregou-nos um susto. Incitou os pés-descalços a exigir direitos e privilégios. Pôs um *Já!* incômodo onde nos habituáramos a grandes compassos de espera, alguns do tamanho da eternidade. Além disso, desagradou-nos o seu compromisso político e forte ênfase social, uma espécie de comunismo catequizado, que nos apressámos logo a denunciar. Os seus cantos de milícia pouco têm a ver com hinos em que nos temos associado a vocábulos deprimentes: *vil, réu, verme, lama, abismo, poço, exerceo, ferido, pobre, nu, cego, moribundo*. (Consulte o hinário, se deseja outros exemplos.) Ofendeu-nos, ainda, a agressividade da sua censura à nossa teologia “resignada” e “futurista”. Melindrados, fechamos-lhe a porta na cara, com a indignação e o nervosismo dos que se sentem ameaçados. “Os pobres sempre os tendes convosco”, repostamos com uma frase do próprio Jesus (Mateus 26:11). E citámos outros versículos que exaltam a pobreza, exigem submissão às autoridades e rotulam o mundo como lugar de aflições, fadigas e canseiras. O nosso conceito do mal atribui também presença contínua ao Diabo e suas obras, praga que só será removida quando a Besta do Apocalipse for acorrentada no Inferno. Para já—temos decidido—, faremos o bem que pudermos, ampararemos os necessitados que encontrarmos, confortaremos os tristes e recomendaremos paciência aos oprimidos da comunidade.

Mas fora dessa arena de argumentação e como diria Alexandre Herculano, “Nas horas do silêncio, à meia-noite”, cismamos na complexidade da nossa teologia: a própria humildade que ela recomenda será premiada com a exaltação

(Mateus 23:12). Os que vão para a cama sem jantar são ninados com promessas do banquete do reino e passeios por avenidas de ouro e cristal. O bom, o belo, o farto e o agradável não são suprimidos, mas adiados. O homem que Nietzsche imaginou na sua teoria de *ubermensch*, o super homem, acaba por aparecer no céu cristão, refinado, livre agora de doenças e de todas as limitações da carne, já eterno como Deus.

E no curso do nosso cismar, bóia a questão da humildade do crente. Por vezes ela ganha feições duma prática a observar-se, um tipo de comportamento que fica bem ao cristão porque é esperado dele, qual uniforme caracterizando um grupo. Deixa de ser obra da *graça* para se converter em *distintivo*. S. Tomás de Aquino advertiu da possibilidade de nos tornarmos “orgulhosos da nossa humildade”.

Um outro perigo é o de se usar a humildade como desculpa para a mediocridade, a inércia e a preguiça. Avesso à ambição, que julga pernicioso, este tipo de humildade tende a sufocar o alvo e a transpiração pela excelência. Certa ou erradamente, a cristandade acautela-se de qualquer tipo de prosperidade “secular”. Vê nela uma armadilha à piedade, a tentação de fincar arraiais na Terra e de alguém se julgar auto-suficiente, esquecendo no processo que “toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do Alto” (Tiago 1:17). A própria “prosperidade intelectual” — o aumento do saber resultante de aplicação e estudo —, é vista com desconfiança. Resmungamos que não queremos “filósofos”, gente que delire do púlpito numa febre

causada por “muitas letras” (Atos 26:25). Seguindo um processo de raciocínio confuso, fizemos corresponder a exuberância intelectual à sequidão espiritual, preferindo antes ouvir cabeças “neutras” mas vizinhas de bocas instantaneamente cheias de *preciosidades*.

Para um Deus que até foi capaz de fazer falar a jumenta de Balaão, será fácil pôr palavras na boca de qualquer. Mas essa inspiração de jornada não nega nem substitui a riqueza da mensagem entendida e aglutinada, cuja proclamação brota de corações em fogo assistidos por mentes abertas e cultivadas.

A Igreja de hoje está sob pressão duma tecnologia revolucionária. Não chamemos diabólico ao que ainda não entendemos. Em 1932 Galileu argumentou: “A Bíblia ensina o caminho para o céu, não as vias que os céus percorrem”. Uma Igreja arrogante amordaçou-o aos 70 anos de idade. Mas outros cientistas continuam descobrindo segredos do universo. Verdade é que quase todos os compêndios escolares tiveram de ser corrigidos desde que você e eu fomos à escola pela primeira vez. Há uma explosão de saber que deixa desatualizados em seis meses o homem e a mulher que ignorem a educação contínua, seja ela por esforço próprio ou em programa formal. “Persiste em ler”, recomendava Paulo ao jovem Timóteo (I Tim. 4:13). E a uma congregação inteira escreveu: “Examinai tudo. Retende o bem” (I Tess. 5:21). A fé não teme a ciência nem o confronto com o expoente máximo da inteligência humana. Quanto mais nos

aproximamos de Deus, mais nos assombram os Seus atributos. O intelectual de maior vulto entre os apóstolos exclamou:

Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!

Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inexcrutáveis os Seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? ou quem foi Seu conselheiro? Ou quem Lhe deu primeiro a Ele, para que Lhe seja recompensado?

Porque d'Ele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória pois a Ele eternamente. Amém.

(Romanos 11:33-36)

O pecado aviltou a nossa condição, mas não usurpou a nossa natureza. Fomos criados por Deus. Nenhuma honra traz ao Criador a exaltação da mediocridade, numa falsa postura de humildade. Nem desejaríamos equiparar à incompetência ou ao retardamento mental uma condição ou procedência humildes. Dwight L. Moody foi sapateiro, mas ficou bem evidenciado nos seus escritos, mensagens, orfanatos e escolas que ele não tinha a cabeça cheia de solas nem se deixou ficar na oficina a polir sandálias. Leu. Pensou. Cresceu. Tornou-se modelo dos gigantes de hoje.

Assentei-me há dias junto a um amigo idoso, durante a dedicação duma sala de conferências. Antes do início da cerimónia, ele inclinou-se e perguntou:

—Que aprendeste nesta semana?

Bem, aprendi que a Obra incita a não descansarmos em títulos e diplomas, mas a descobirmos hoje algum recurso novo, para maior eficiência num mundo cada vez mais exigente. □

—JORGE DE BARROS



—CYBELLI WANDERLEY

Senhor,
dá-me a humildade
da ovelha,
a docilidade
da ovelha,
a mansidão
da ovelha
para que eu possa,
obediente,
pertencer ao Teu rebanho;
ovelha do Bom Pastor,
não sentir falta
das coisas fúteis,
inúteis,
que penso que me faltam.

Conduzido
pelo Teu cajado
hei de repousar
meu corpo cansado
e minha alma dorida
nas pastagens pastoris
dos verdes campos
e ouvir a música
das águas a cantar
em seu contínuo
perpassar
por leito de seixos
a cumprir seu destino
de ir ao mar
para se renovar.

Renovado
também,
de justiça
e bondade
saciado,
hei de seguir
alegre
meu caminho
por Ti destinado,
mansamente
conduzido,
tranquilo
e sereno
por Teu bordão
amparado.

de as sombras da vida
me encobrirem,
tristeza e dor,
desconfiança,
insegurança,
abandono,
perseguição,
separação,
inveja,
traição,
ingratidão,
estarei protegido
pela plenitude
do Teu amor.

E ao chegar
à mesa
para mim
já preparada,
não faça eu dela
motivo de orgulho
e ostentação;
seja ela farta
do Teu vinho
e do Teu pão;
repleta de amigos,
convidados,
não falte ninguém
na distribuição.

Agraciado
e agradecido
a todos
que Tu enviaste
para me ajudar,
nos difíceis dias
a me acompanhar,
possa com eles
repartir a graça
e o meu teto
há de ser sempre
um abrigo,
pois que é Teu teto,
meu Senhor
Amém. □

(De Voz Missionária)

A entrada era estreita e as escadas gastas e escuras que davam para a Catacumba de Domitila, próximo de Roma. Mas eu estava ansioso por entrar.

Seguindo um cicerone, desci cautelosamente as escadas e entrei às apalpadelas em corredores inacabados. Ao longo dos corredores, a curtas distâncias, vi criptas nas paredes, algumas abertas e outras seladas, com 70 centímetros de largura e três e meio de altura. Atrás das tampas de mármore ou terracota encontravam-se os restos mortais de cristãos que, de 63 a 313 d.C., pagaram o preço máximo por sua fé em Jesus Cristo.

No nosso andar vagaroso chegámos a um espaço aberto do tamanho duma sala. Era uma capela com bancos modestos, um altar, uma plataforma e alguns símbolos cristãos, incluindo uma cruz na parede da frente.

Era um lugar sagrado.

Durante três séculos de perseguição foram enterrados nessas catacumbas os corpos de mais de quatro milhões de santos. Muitos desses mártires foram vítimas dos julgamentos cruéis de imperadores, violência e morte na arena ou nos locais de execução na periferia da cidade eterna.

As grutas sagradas contêm não só as cinzas de seguidores de Jesus mortos há muito tempo e pequenas capelas onde os cristãos adoravam a Deus, mas também artefactos e inscrições que revelam profunda devoção, coragem ardente e esperança inextinguível.

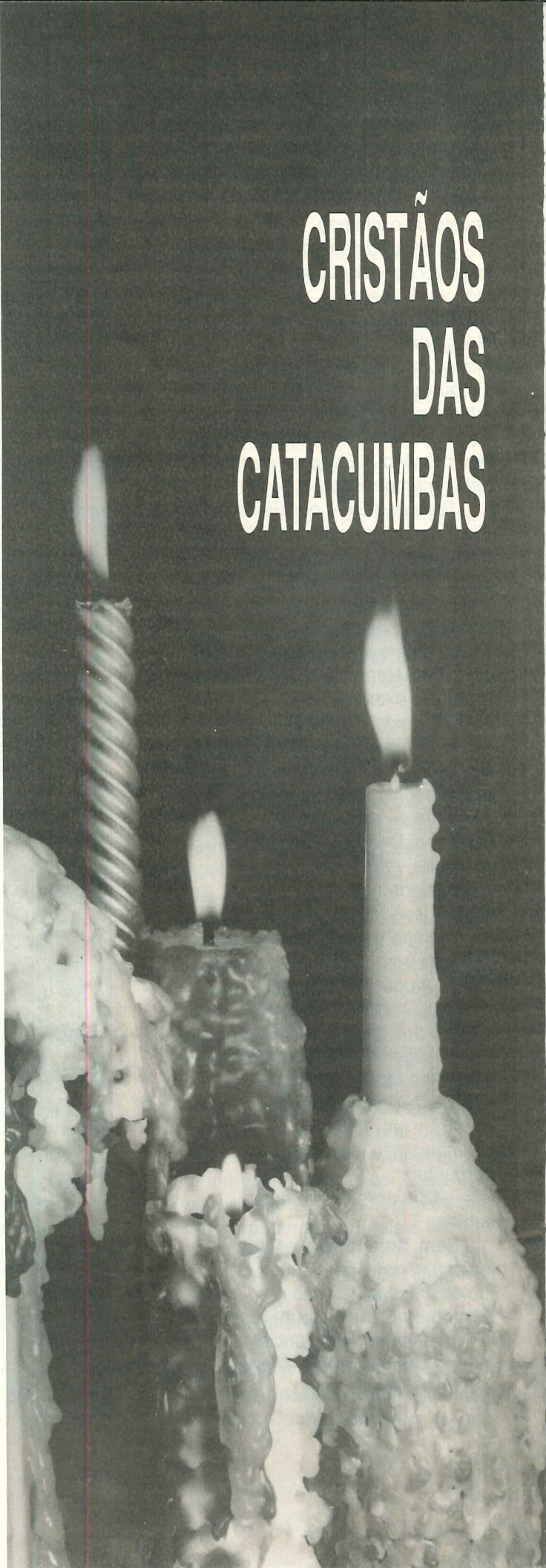
Os primitivos cristãos de Roma foram perseguidos desde a morte de Pedro e Paulo até 313 d. C.

Quando Paulo chegou a Roma, cerca de 63 d.C, procedente de Jerusalém, já existia naquela cidade uma pequena comunidade de crentes. Diz a tradição que Pedro viveu em Roma durante alguns dos mesmos anos em que Paulo ali esteve. Uma lenda menciona o breve encontro que os dois grandes cristãos tiveram a caminho da execução. Paulo foi decapitado e Pedro crucificado de cabeça para baixo, a seu pedido, pois ele se considerava indigno de ser crucificado como Jesus.

A seguir ao fogo desastroso de Roma, em 64 d.C., que destruiu muitos prédios particulares e públicos, o imperador Nero culpou os cristãos, de acordo com o historiador romano Tácito. Os crentes foram deliberadamente difamados por Nero para afastar a culpa de si mesmo. Chamou "orgias" às suas reuniões de amor (ágape) e disse ao povo que as refeições em comum dos cristãos envolviam comer carne e beber o próprio sangue dos seus líderes. Esta invenção teve o efeito que Nero procurava e preparou o caminho para a desenfreada perseguição à Igreja Primitiva.

Por isso, os cristãos foram escarnecidos, cobertos

CRISTÃOS DAS CATACUMBAS



com peles de animais, dilacerados por cães e crucificados publicamente. Muitos considerados particularmente perigosos, como Pedro e Paulo, foram executados individualmente.

Os cristãos primitivos honraram com cuidado os seus mártires. Decidiram sepultar os seus mortos porque criam na ressurreição do corpo a quando da segunda vinda de Jesus Cristo. As catacumbas foram cavadas na rocha calcária porosa, durante os três primeiros séculos depois de Cristo. A penosa tarefa de escavar vias subterrâneas com uma extensão superior a 960 quilómetros, não podia ter sido desconhecida pelas autoridades. Os cristãos tiveram de pagar o privilégio de escavar e o uso do terreno.

Porém, os cristãos de então, como os de hoje, tinham um forte sentido de comunidade. Amavam-se uns aos outros tanto nos bons tempos como na adversidade. Escavaram pequenas capelas na rocha das catacumbas e celebravam nelas cultos memoriais. Conquanto se achassem na sombra da morte, descansavam completamente na promessa luminosa da ressurreição e da vida eterna.

Usaram pinturas para decorar os corredores e as capelas das catacumbas. As pinturas mostram Jesus, a Última Ceia, o Bom Pastor, Moisés, Lázaro e Davi, entre outros temas evangélicos.

Os santos da Igreja Primitiva tinham grande esperança na Segunda Vinda de Cristo e na ressurreição. Várias inscrições sobre ou perto dos túmulos mostram a tristeza que o fiel deve ter sentido, mas também dramatizam a esperança que possuíam aqueles santos corajosos. As gravações mencionam o nome do falecido, a idade, a data do funeral, mas raramente a data do nascimento. Os santos seguiram a admoestação de Paulo que não nos devíamos entristecer "como os demais, que não têm esperança" (I Tessalonicenses 4:13); e inscreveram nas pedras dos mortos palavras vivas, de esperança animadora. "Vida em Deus", "Em Paz", "Não chores, meu filho", são epitáfios curtos que se encontram em grego ou latim.

"Prima, tu vives na glória de Deus e na paz do nosso Senhor Jesus Cristo", é um exemplo de longo epitáfio cristão.

Uma nota comovente diz: "Enquanto estava de joelhos e adorava o verdadeiro Deus, foi levado para ser executado. Triste época em que no meio de ritos sagrados e oração, mesmo nas catacumbas, não estamos seguros. Que pode ser mais desprezível que tal vida e tal morte, quando os mortos não podem ser sepultados por seus amigos e familiares? Não obstante, no fim, eles brilham como estrelas no céu".

Foi o imperador romano que mudou — não os cristãos. Embora a proporção de cristãos fosse de um para vinte na população romana e eles fossem injustamente acusados, torturados e mortos em

grande número, mesmo assim prevaleceram! Não tinham autoridade oficial nem direitos normais de cidadania, contudo a sua fé no poder de Deus operava milagres. A mãe do imperador Constantino converteu-se e ele, mais tarde, também aceitou a Cristo como Salvador. Evoluídas assim as coisas, os cristãos deixaram de adorar nas catacumbas e de sepultar os seus mortos em segredo, à luz de lamparinas.

Roma foi um posto avançado na marcha ocidental do Cristianismo. Se a igreja tivesse cedido em face da oposição, jamais o mundo ocidental teria ouvido as Boas Novas. Mas os santos mantiveram-se firmes. O seu testemunho era atraente e foi ele que mudou a Roma pagã em urbe cristã. Daqui e de Jerusalém os cristãos iniciaram a tarefa de espalhar o evangelho por toda a parte.

Que característica isolada da sua devoção impossibilitou a Nero e a seus sucessores continuarem a atemorizar, a espancar e a martirizar os cristãos fazendo-os retratar a sua profunda fé em Jesus Cristo? De modo geral, foi certamente o testemunho claro que deram de perdão e purificação. O seu amor mútuo e sua lealdade ao corpo dos santos foram, provavelmente, âncoras seguras quando sopraram os ventos da perseguição. No entanto, parece que o seu sextante de esperança se fixou justamente na estrela da promessa de Deus que Jesus voltaria. A luz desta esperança e a crença na ressurreição dos mortos orientou-os finalmente para o céu.

A necessidade da fé fundamental, da jubilosa esperança na segunda vinda de Jesus, é tão oportuna para os cristãos de hoje como o tempo de devoções privadas que tivemos esta manhã. Satanás, o nosso adversário, é o mesmo cujo poder se desencadeou contra os cristãos da Igreja Primitiva. Hoje a tática do inimigo é diferente, mas a nossa luta pela sobrevivência no século XX não é menos real e ameaçadora.

Anima-nos saber que o poder do sangue de Jesus não mudou. O remido do Senhor pode guardar-se pela esperança da nossa ressurreição e vida eterna. Nós somos "guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo" (I Pedro 1:5).

Numa conversa recente, um ministro aposentado, viúvo e talvez solitário, deu um bom conselho a um amigo: "Nunca desanime!", advertiu com voz forte o ancião, "continue a ler a Bíblia, a orar e a assistir à igreja. Nunca desista! Nunca desista! Prefira morrer!"

Esta determinação inflexível e fé inabalável no resultado final serviram bem aos cristãos das catacumbas. Isto também funcionará hoje para o povo de Deus, sejam quais forem as circunstâncias. □

—JESSE E. PITTS

LOUVOR INFANTIL

O louvor não é património de adultos. Todos podem louvar ao Senhor e, para isso, não faltam motivos. Os Céus e a Terra convidam-nos ao louvor. Dizia Lineu que para se “conhecer os passos do Eterno bastaria olhar para os céus”. Davi não teve dificuldade em descobrir esta verdade (Salmo 19). Sempre tive o cuidado de chamar a atenção

dos meus filhos para o nascimento ou pôr do Sol, o mar, as estrelas. Há dias, coisa rara em nossa cidade, meu filho de 17 anos chamou-me e quando cheguei à janela ele disse-me: “Vê que lindo pôr do Sol!” Ele tinha ouvido isto desde pequenino.

Jesus entrou no Templo e os meninos O louvavam dizendo: “Hosana ao Filho de David!” O protesto dos sacerdotes e escribas realçou mais o louvor deles. Jesus disse: “Dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor” (Mateus 21:15-16).

Louvor perfeito, esse de meninos não contaminados pelos homens, sem malícia ou dupla intenção. Deus está mais interessado no íntimo que na aparência exterior; e os próprios adversários do Senhor reconheciam isso (Mat. 22:16).

Em várias ocasiões Jesus envolveu crianças no Seu trabalho missionário. Uma foi usada para ilustrar a condição espiritual que o verdadeiro discípulo deve possuir e, noutra ocasião, Ele repreendeu os discípulos dizendo-lhes que o Reino de Deus lhes pertencia (Mateus 18: 2,3; 19:13-15).

Eu, particularmente, fui partidário desde o início do meu ministério em ter as crianças assentadas ao lado dos pais nos cultos devocionais. Achava lindo e, à medida que os meus filhos vieram chegando, foram se alinhando ao lado de minha mulher. Contemplá-los do púlpito no primeiro banco me enchia de emoção.

Também sempre gostei de ter os meninos cantando um simples corinho quando alguns chegavam com os pais à noite. Hoje, mudanças trouxeram inovações. Certa vez, em Portugal, sendo convidado para pregar numa igreja e tendo levado comigo dois adolescentes, meus filhos, o pastor me informou: “Eles não podem entrar”. Eu respondi: “Então, meu amigo, o irmão não tem pregador”. Constrangido, permitiu e eram os dois únicos representantes do futuro da igreja num culto de gente já com meio século andado! Hoje é raro ver meninos em grupo cantando corinhos singelos. Em



vez disso, talvez vejamos uma criança de tenra idade que vem à frente, pega no microfone, enquanto o pai “todo vaidoso” regula a aparelhagem sonora. Ela canta e fala de experiências, tristezas, tentações, lutas, “como gente grande”, observou alguém. Eu fico pensando e um pouco temeroso vendo a criança rodeada de fios e aparelhos

sofisticados e ouvindo depois aquelas palmas e comentários enquanto ela volta ao assento andando com ares de “estrela”. Para mim é como ajudar o pinto a nascer usando nossa unha para facilitar a saída. Crianças inocentes que em pouco tempo estarão lançadas no “mar tormentoso da vida”, numa realidade nunca imaginada por elas!

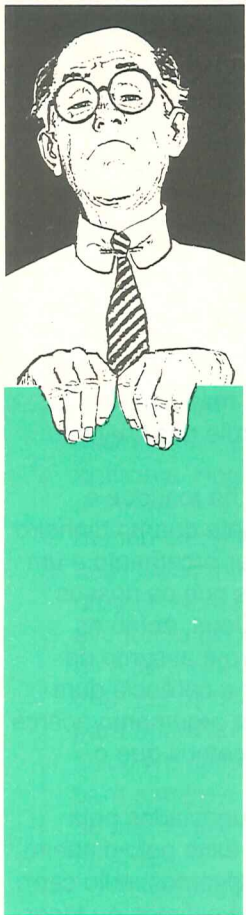
A vida cristã vai ficando cada vez mais difícil neste mundo corrompido, opressivo e influente. A gente adulta é tentada a empurrar crianças para um louvor programado e, até certo ponto, de promoção. Acautelemo-nos de uma violência espiritual, um perigo para o símbolo dos “donos do Reino de Deus”.

A despeito de boas intenções, pais crentes podem lançar seus filhinhos na “arena do louvor de gente grande” e distorcer o “perfeito louvor”.

Os pais ficam embevecidos com o talento de alguns meninos, mas não sabem nem discernem o perigo que uma exposição prematura lhes pode causar ou possíveis danos, quando bocas infantis cantam sobre experiência nunca vivida. Num aperto, certo atleta foi lançado no jogo pelo treinador e teve o privilégio de fazer o golo da vitória da sua equipe. Na televisão, nos jornais e na boca dos aficionados ele subiu alto — e é provável que tenha também ficado “alto”. Em outros jogos “não esteve à altura” e os jornais começaram a dizer que deveria haver cuidado nos elogios para não estragar o “menino”. O futuro dirá se não haveria mais sensatez no uso da moderação, com respeito aos meninos “talentosos” de pais exuberantes.

O louvor dos meninos deve ser espontâneo, sincero, sem colorido do mundo dos adultos; e, quando não estragados pelos pais ou pela igreja, deles será o Reino de Deus. Na sua simplicidade, confiança e fé ilimitadas, a criança já é um modelo aprovado do Alto. □

—EUDO T. DE ALMEIDA



TEREI QUE ME CONVERTER?

Recordo o tempo em que era pároco numa aldeia do Limpopo, Moçambique. Após a visita de dois pastores evangélicos, recebi um livro com algumas anotações dizendo que precisava de crer e de me converter. Fiquei surpreendido com o livro e mais ainda com as observações.

Eu sempre tinha pensado que só os grandes pecadores precisavam de se converter, como adúlteros, escravos de bebidas alcoólicas ou drogas, ladrões, assassinos e malfeitores. Mas nunca quem se considerava justo, pagava regularmente as quotas da sua igreja, contribuía para obras de caridade e pertencia a uma classe privilegiada!

Mas, finalmente, vim a convencer-me que o fariseu da parábola de Jesus falava em termos semelhantes quando se exaltava no templo. Começou por dizer: "Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros... Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo" (Lucas 18:11-12). Ele referia-se ao seu comportamento externo e, sem dúvida, devia ser um homem decente. No entanto, o Mestre comentou que saíra do templo sem ser justificado. E acrescentou: "Todo o que se exalta, será humilhado; mas o que se humilha, será exaltado" (Lucas 18:1).

Realmente terei de me converter? É a primeira pergunta em qualquer meio católico. E eu não fiz excepção. Mas a verdade é que quase toda a gente, ao encarar o assunto, pensa logo em mudar de religião, sobretudo da católica para a evangélica ou vice-versa. Claro que há muitos fiéis que sabem perfeitamente a que se refere a pergunta. Mas há também os que atribuem a conversão a uma mudança de religião: deixar uma igreja e afiliar-se a outra — o que não passaria de mero comportamento exterior. Porém, para haver verdadeira conversão é necessário reconhecer a corrupção interior e chegar a Deus com

um coração contrito. E como é nele que nascem os maus desejos, temos de começar por ele a obra da conversão. Mas por nós mesmos, sem a ajuda de Deus, nada conseguiremos. Isto significa que eu devo pedir a assistência do Espírito Santo, orar com humildade e reconhecer que sou indigno do perdão de Deus. De outra forma, se não reconheço a minha culpa, continuo a proceder como o fariseu que saiu do templo sem ser justificado.

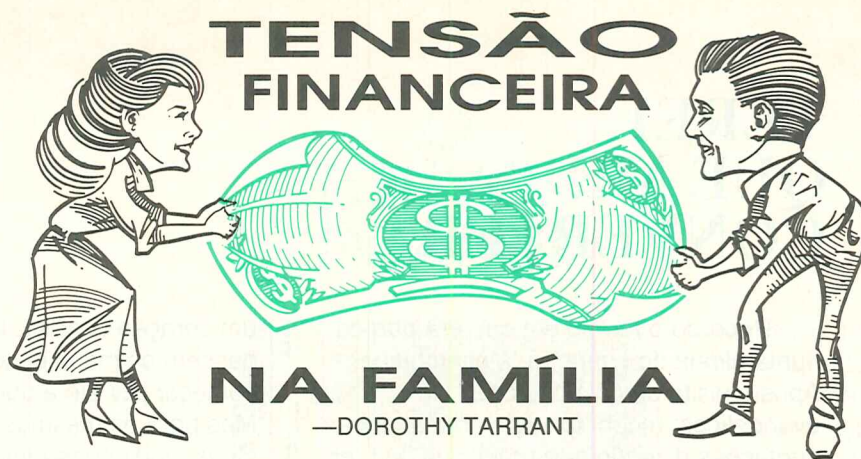
A razão porque Deus perdoa os nossos pecados não reside em nós, mas em Jesus Cristo que morreu para pagar por nossos pecados. Mas nem todo o indivíduo recebe o perdão, porque há uma condição a satisfazer: crer em Jesus. "Para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

Como poderemos, pois, reconciliar-nos com Deus? Pela fé em Cristo. E esta é avivada pelo Espírito Santo e pela leitura da Palavra de Deus. A Bíblia não só revela ao homem o seu pecado e miséria, mas também a Jesus Cristo como o único Salvador.

Pela fé experimentamos um novo nascimento. Deixamos a vida antiga de pecado e começamos a viver na graça de Deus. O que confunde algumas pessoas é que, embora sejamos novas criaturas em Cristo, ainda continuamos a cometer faltas. Daí a necessidade de graça diária para uma vida de santidade.

Começemos por reconciliar-nos com Deus; ouvir a Sua voz e seguir as Suas inspirações. Pois Ele não nos trata como a robôs; nem nos conduz à força. Usa a arma do amor — "Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu Seu Filho" (João 3:16). Ainda hoje Ele nos ama e deseja a nossa salvação eterna. A verdadeira conversão não é passar a defender esta ou aquela igreja, mas crer e entregar-se alguém totalmente a Nosso Senhor Jesus Cristo. □

—ACÁCIO PEREIRA



Teresa e Miguel casaram-se há seis meses, mas a sua vida matrimonial não é exactamente o que ela sonhava. Têm frequentes discussões, geralmente por causa de dinheiro. Teresa trabalhou muito para custear as despesas da universidade com um pequeno orçamento e um horário pesado, mais os custos do casamento. Esperava que a situação melhorasse com dois salários, mas descobriu que Miguel tinha grandes compromissos económicos. Além disso comprara um computador sem a consultar.

Depois de dez anos de casados, Maria e Francisco procuraram aconselhamento profissional, pois o seu lar estava em perigo. Ele tinha dois empregos para manter a mulher e quatro filhos. Saía cedo de casa e, quatro dias por semana, trabalhava até às dez horas da noite. Maria não apreciava o sacrifício de Francisco e queixava-se dele passar pouco tempo com a família. Ela ignorava o movimento do dinheiro, pois Francisco é que tratava de tudo relacionado com finanças. Por isso, Maria não podia apreciar o trabalho de Francisco para a sobrevivência da família.

As finanças constituem um dos quatro factores principais que contribuem para o divórcio. Falei com o Dr. Richard Fish, director do programa de aconselhamento familiar da Universidade Nazarena do Leste, sobre a relação que existe entre as finanças e a tensão no lar. Ele vê como uma das razões chaves para as dificuldades financeiras dum casal cada um se ter criado com diferentes atitudes e expectativas quanto ao dinheiro e ao estilo de vida. Embora a atitude desprezada de Miguel quanto ao dinheiro, no primeiro caso, fosse acarinhada por Teresa durante o noivado, agora ela julga que o marido está a ser egoísta e irresponsável. Os cônjuges necessitam falar de suas expectativas e estar dispostos a chegar juntos a determinados acordos.

O Dr. Fish aconselha: "Com frequência as finanças não são a causa real, mas oferecem o contexto em que se dá a luta pelo poder. Um cônjuge que sinta falta de poder em outros sectores da sua vida, pode recorrer às finanças para o adquirir". No caso de Maria e Francisco, ganhar ele o dinheiro e controlar as despesas faz que ela se sinta muito

dependente. A situação é comum, mas nenhum dos cônjuges deve ser privado de controle das finanças familiares.

Mesmo em casais cristãos há maridos e esposas que não sabem exactamente quanto dinheiro entra e sai. O Dr. Fish diz que "fazer orçamento é um princípio cristão básico. Se cremos que os nossos recursos financeiros pertencem a Deus, então as decisões de como investir o dinheiro é assunto de mordomia. Torna-se difícil justificar a carência dum plano quanto a despesas. Qualquer argumento acerca disso desaparece quando reconhecemos que o dinheiro pertence a Deus."

"Até as famílias cristãs são influenciadas pela cultura secular, em que se mede o êxito pelo dinheiro que ganhamos, pela casa em que vivemos, pelo carro que conduzimos, pelas roupas que vestimos ou férias que desfrutamos. É fácil os cristãos deixarem-se levar por tais valores e viverem um estilo de vida superior aos seus recursos. Isto pode trazer grande tensão ao casal, particularmente se fica endividado para se manter no mesmo nível desfrutado por pessoas que os rodeiam."

O Dr. Fish vinca que "quando os cônjuges trabalham cada vez mais para manter um estilo de vida superior, precisam examinar o que estão a omitir em termos de tempo para a família e outras actividades.

Em dado momento têm que decidir: "Chegamos até aqui!" Algumas famílias optam por um estilo de vida mais humilde para dedicarem mais tempo ao lar".

Há circunstâncias em que se torna essencial os dois cônjuges trabalharem mais horas para comprarem uma casa — "um estratagema necessário para se viver nessas áreas". Foram tema básico na minha entrevista com o Dr. Fish as decisões que os cristãos devem fazer quanto ao avaliarem, periodicamente, a sua situação financeira. Esforcemo-nos por ser mordomos responsáveis de nosso tempo e dinheiro, dedicando-nos ao serviço de Deus e do próximo.

O conselho final do Dr. Fish para diminuir a tensão financeira foi: "Não desejem acumular tantas coisas materiais!" □

O MEU ESTIMULANTE: A BÍBLIA

Estamos na época de estimulantes excessivos e artificiais. Hoje mesmo, milhares de jovens através do mundo procuram estimular suas vidas monótonas com drogas, sexo ilícito e aventuras perigosas. Mas não foi este o plano de Deus. Ele deu-nos os cinco sentidos para apreciarmos o mundo físico e o sentido espiritual para sondar o mundo invisível do eterno por meio da Palavra de Deus.

O estímulo vem de fora. Acarreta sempre consigo alguma reacção: uma saudação atrai outra, um olhar alegre recebe em troca um sorriso, uma crítica severa é provável que receba outra como vingança. Deus fez que a natureza fosse bela para me estimular; e, também, que o relacionamento de amizade com o próximo estimulasse a minha vida social. Deus criou-me homem e permitiu que me casasse com uma mulher especial, numa relação de estímulos e respostas amorosas. Tudo isto faz parte do plano de Deus. Criou-nos seres sensíveis para que a alegria e até os dissabores gerassem em nós reacções físicas e emocionais.

Somos bombardeados com estímulos de muitas fontes e a cada um nós

damos alguma resposta.

Neste mundo de estímulos, há um que é como manancial no deserto, luz nas trevas, paz num ambiente de confusão: é a Bíblia, a Palavra de Deus. Esta é para mim o estimulante por excelência. Os incentivos que recebo da Palavra de Deus levam-me a buscar o Senhor, a confiar n'Ele e a servi-lo.

Alguns dos meus colegas e amigos são, por natureza, madrugadores. Acordam facilmente a qualquer hora e conseguem tempo para ler a Bíblia ao romper da manhã. Felicito quem o pode fazer. Pessoalmente recebo mais inspiração e bênção da leitura bíblica à noite. Ao terminar o dia e antes de fechar os olhos para dormir, abro a Bíblia e leio dois ou três capítulos.

A Palavra de Deus é espada de dois gumes; é manancial, luz fulgente e nova cada dia. É mais que literatura interessante; é a Palavra viva que por obra do Espírito Santo satisfaz as minhas necessidades diárias.

Poderíamos comparar os incentivos à luz. O inimigo da nossa alma quer entreter-nos com luzes artificiais, mas o Pai celestial dá-nos a Sua Palavra como lâmpada para os nossos pés. A Bíblia estimula-nos e orienta-nos pelo caminho do bem e, meditando nela, encontro a paz que o Senhor me

prometeu.

E você, amigo, que relacionamento tem com a Palavra de Deus? Alguns lêem a Bíblia religiosamente, quase amedrontados de que se falharem Deus os castigará. Mas eu recomendo que a leitura da Bíblia seja como o encontro dum pai com a sua filha. Antes de se deitar ela se aproxima do pai, conta-lhe o que aconteceu durante o dia e, depois duma breve conversa, despede-se e vai dormir.

Quando falo com o Pai celestial e Ele comigo, através da Sua Palavra, cria-se uma relação íntima e transparente. Ele sabe quem eu sou, meus defeitos e fraquezas. No entanto, recorro a Ele não com medo que me castigue se o não fizer, mas porque preciso do estímulo da Sua presença, da Sua Palavra, para me orientar os passos, firmar a vida e tornar-me frutífero no ministério. Estes são estímulos sãos, preciosos e directos.

Muitas pessoas buscam estimulantes fortes e artificiais. Contudo, procure você que a sua vida seja estimulada pela sã e preciosa Palavra eterna do nosso Deus. Louvado seja o Seu nome! □

—JERRY PORTER

ÚNICO MEDIADOR

—S. VILA

É maravilhoso pensar que,
Aquele que era o Pão da Vida começou
o Seu ministério padecendo fome. E, sendo a Água da Vida,
acabou sofrendo sede...

Cristo sentiu fome, como homem, e satisfez no homem
a sua fome de Deus. Sentiu fome e era o Pão da Vida.

Cristo padeceu sede, como homem, embora tivesse revelado:
“Aquele que tiver sede venha a mim e beba”.

Sentiu fadiga, e é o nosso descanso.

Pagou tributo como vassalo, e era o Rei dos reis.

Foi chamado Satanás, e expulsou demónios.

Chorou, mas é Quem seca as nossas lágrimas.

Foi vendido por 30 moedas de prata,
e é Ele o Resgate do mundo.

Emudeceu como ovelha e, sem dúvida,
Ele é a Palavra Eterna.

Não teve onde reclinar a cabeça, e é Seu o universo.

Todos O abandonaram, ficou só,
e possuía na eternidade legiões
de anjos dispostos a cumprir as Suas ordens.

Foi crucificado pelos homens e Ele veio ao mundo
para lhes oferecer o Céu.

Antes de entrarmos
verdadeiramente no
assunto, convém notar que
temos pouca informação
específica sobre os cultos
cristãos do primeiro século.

O Novo Testamento
descreve apenas uma vez a
celebração da Santa Ceia,
em I Coríntios 11:7-22.
Carece de descrições de
batismos, casamentos,

—RONALD COLLINS





O CULTO DE ADORAÇÃO

funerais e outros serviços na comunidade cristã.

Só no século II é que começam a aparecer narrações específicas do que faziam os cristãos quando se reuniam. No século III o governador romano Plínio escreveu uma carta ao imperador Trajano mencionando os cultos dos cristãos. Diz: “Reunem-se em determinado dia antes do nascer do sol, cantam hinos a Cristo, como a um Deus, prometem não fazer mal, não roubar, não cometer adultério nem defraudar a quem quer que seja. Depois têm o costume de comer juntos, mas comida vulgar...” (Daniel Theron).

Embora o Novo Testamento careça de descrições da liturgia na Igreja Primitiva, dá-nos algumas indicações do que faziam: batizar, pregar, cantar salmos, ler a Bíblia e ensinar (Actos 8:12,5; 18:28; Colossenses 3:16). Mas só mencionar o que eles faziam não é critério para determinar se os nossos cantos, pregações e batismos são correctos. Há outra fonte de

informação que ajuda a estabelecer uma norma para a autocrítica dos nossos cultos. Refiro-me aqui à secção mais extensa de críticas aos abusos e problemas nos cultos cristãos, achada em I Coríntios 11—14.

Tenhamos em mente um princípio de aplicação da Bíblia ao nosso tempo. Há muitas situações bíblicas que não se aplicam ao presente. Mas mesmo nestas passagens anotemos os princípios usados e ajustemo-los à nossa situação. Por exemplo: Paulo aponta o pecado na igreja de alguns participantes da Santa Ceia se embriagarem (I Coríntios 11:21). Não podemos dizer que esta passagem não tenha qualquer aplicação para nós. No caso de Corinto, o princípio em jogo era a desigualdade que se reflectia no facto de alguns se fartarem enquanto outros não tinham o suficiente — esta desigualdade, no curso da celebração da Santa Ceia, era pecado.

Devemos ter isto em mente ao ler e aplicar I Coríntios 12 e 14. Como é seu costume, Paulo

começa pelo lado positivo. Deus concedeu a cada um dos membros dons que são para a edificação da igreja (I Coríntios 12:7). Esta é a base que o Apóstolo usa para distinguir se uma actividade na comunidade cristã é ou não apropriada. A comunidade congrega-se para “a edificação da igreja”. No capítulo 14 Paulo refere-se oito vezes a este assunto (vs. 3,4,5,12,17,26,31). As actividades nos cultos públicos serão apropriadas e edificantes na medida que contribuam para este propósito. Daí o Apóstolo diferenciar actividades que só ajudam o indivíduo e as que contribuem para a edificação do grupo. As primeiras são para o quarto com as portas fechadas; as últimas, para a comunidade reunida. Isto quer dizer que Paulo não dá uma lista rigorosa do que se pode ou não fazer nos cultos. Ensina-nos a avaliar as nossas actividades, como igreja, para determinar se são ou não apropriadas aos cultos cristãos. □
(Ecos Menonitas)

Moisés foi um assassino e fugiu quando se descobriu o segredo. Rejeitado por seu povo escondeu-se no deserto durante 40 anos.

Davi foi adúltero e quando o profeta Natã lhe revelou o segredo, voltou o rosto para a parede de vergonha. Arrependeu-se, obteve perdão e depois de sofrer a consequência imediata do seu pecado, Deus novamente o usou como Seu servo.

Hoje, em muitas igrejas evangélicas Moisés e Davi seriam expulsos, mas nós estimamos-os como pessoas do Antigo Testamento que lutaram e venceram.

Pedro foi cobarde, desertor e amotinador impetuoso; porém, Deus transformou-o num grande apóstolo; e nós esperamos encontrar-nos com ele no céu. Talvez a maior parte de nós considerasse que estes três homens deveriam ser afastados de nossas igrejas. Nunca os aceitaríamos como membros da junta da igreja nem como pregadores. Eles lutaram contra a tentação mas cederam.

Experimentaram a dificuldade em resistir a Satanás e perderam temporariamente a batalha. Outros sofreram por seu pecado e acabaram por ser derrotados.

Que dizemos nós hoje aos nossos soldados feridos? Que dizemos a Moisés, Davi e Pedro de nossos dias? Com frequência as pessoas a quem mais respeitamos na igreja são as que enfrentam maiores lutas. Elas sabem o que é "lutar contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Efésios 6:12). E quando falham, não somos nós

a dizer-lhes: "Não podem continuar a fazer parte do nosso grupo; falharam-nos; transgrediram a lei de Deus; sentimo-nos mal convosco, por favor saiam do nosso meio"?

O certo é que tanto ao ministro que peca como ao membro da junta que abandona o cônjuge, não sabemos que fazer com eles quando se arrependem. Temos receio que a "igreja" sofra; que as pessoas deixem de assistir aos cultos. Haverá escândalo. Entretanto, exaltamos Moisés, Davi, Pedro, Abraão, Elias, Jonas e outros homens da Bíblia e proclamamos: "Vêem como Deus pode usar uma pessoa que fracassou e se arrependeu? Ele também o pode usar a si".

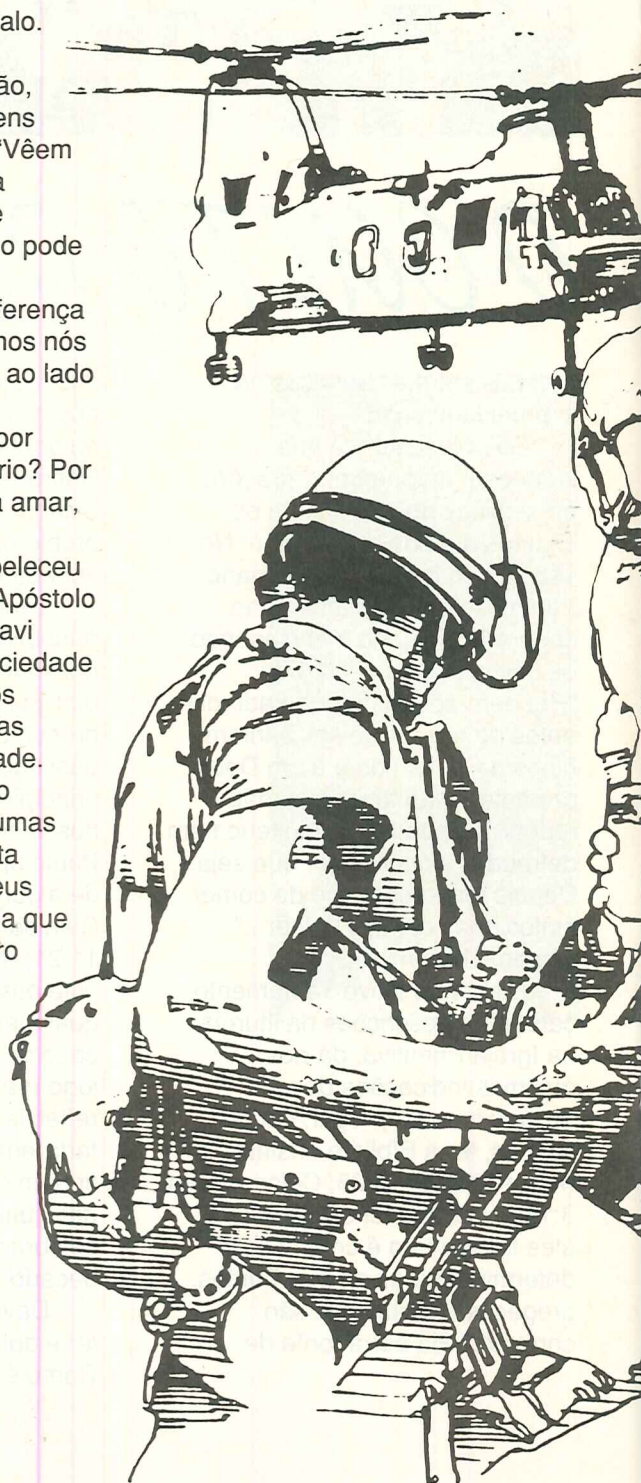
A que se deve essa diferença de comportamento? Seremos nós os culpados? Não lutamos ao lado do nosso pastor? Não perseveramos em oração por nossos colegas no ministério? Por que não aprende a igreja a amar, perdoar e recuperar?

O próprio Jesus restabeleceu Pedro e só então é que o Apóstolo se sentiu bem. Moisés e Davi pagaram a sua dívida à sociedade e, só depois, é que Deus os colocou novamente em suas posições de responsabilidade.

O general dum exército sempre espera perder algumas vidas, mesmo quando conta ganhar a batalha. E nos seus planos inclui uma estratégia que reduza ao mínimo o número de baixas. Tem equipes médicas prontas com camas, ligaduras e equipamento de emergência. Nenhum ferido será deixado no

campo de batalha exposto à morte ou a ser capturado pelo inimigo. Cada um será recuperado, terá assistência médica, abrigo e alimento até estar novamente preparado para a batalha.

A Igreja de Jesus Cristo deve esperar baixas. Algumas pessoas terão pecados secretos que o serão para a maioria. Essas pessoas precisam de arrependimento e cura. Outras baixas



cairão mais visivelmente no campo de batalha. Necessitam ser levantadas com rapidez e ternura e transportadas aonde possam encontrar cura. Como o "bom samaritano" precisamos estar dispostos a pagar o preço, seja qual for, para que o soldado regresse às suas fileiras.

Haverá impacto no mundo ao observar como tratamos os nossos feridos, em vez de apenas os ver morrer abandonados no

campo de batalha.

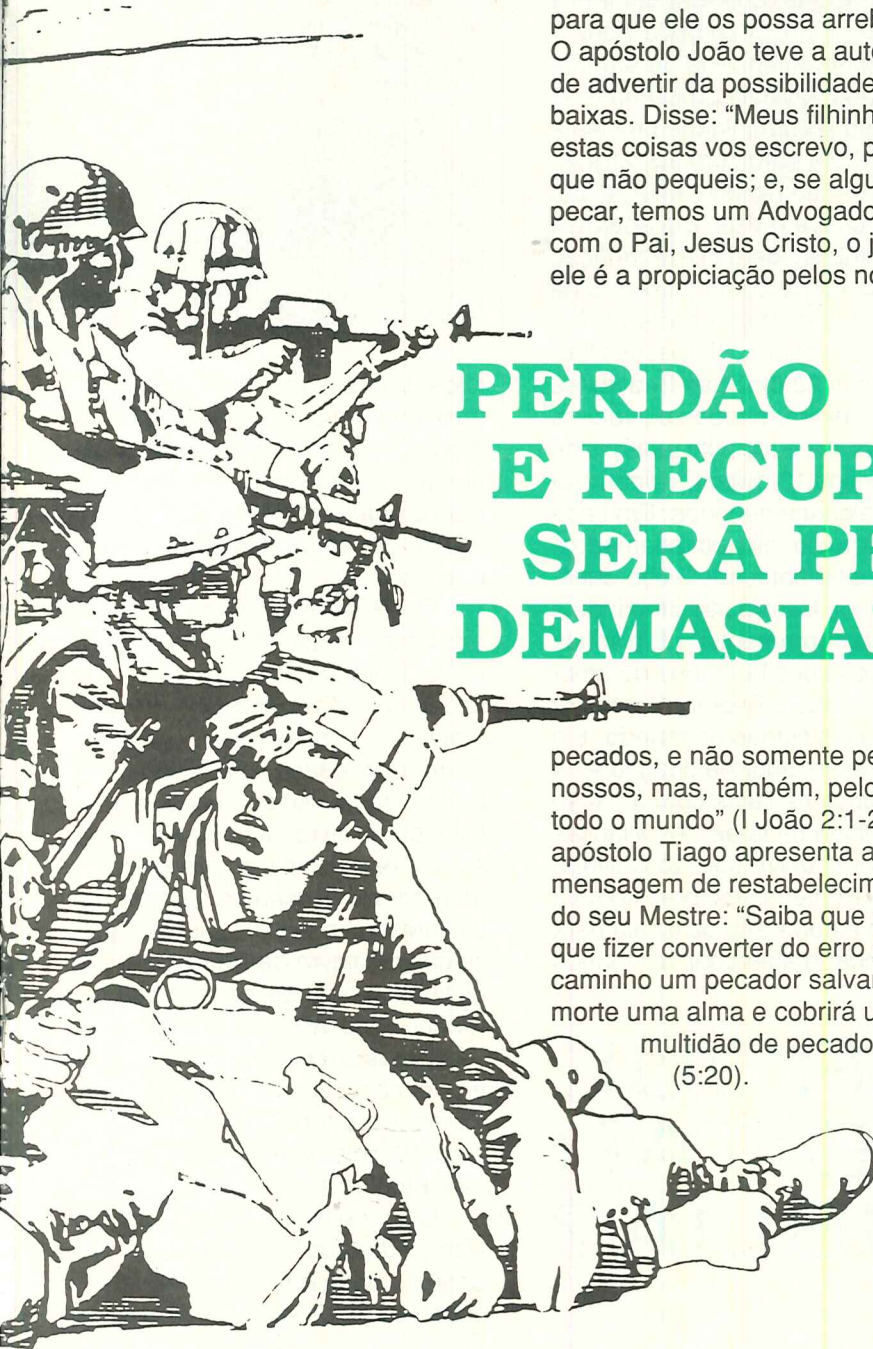
Agimos, muitas vezes, como se os nossos caídos fossem desertores que necessitam ser fuzilados antes de revelarem ao inimigo a nossa estratégia.

Algumas vezes quase enjeitamos os nossos caídos — como se temêssemos que os observadores pensem que o calibre das nossas tropas não é perfeito.

A estratégia do inimigo é levar-nos a abandonar os caídos para que ele os possa arrebatá-los. O apóstolo João teve a autoridade de advertir da possibilidade de baixas. Disse: "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos

O que acabamos de dizer não é de forma alguma um convite para agirmos como se o pecado não contasse ou para adotarmos uma conduta irresponsável. O pecado acarreta terríveis consequências tanto para o pecador como para a pessoa contra quem se pecou. Há sempre motivo para "chorar com o que erra e levantar o caído". Mas estaremos nós prontos a rejeitar alguém que Deus quer restabelecer e usar? Se esse é o caso, ouçamos o que diz a Sagrada Escritura: "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia" (1 Coríntios 10:12).

Não demos a impressão que precisamos deste aviso, mas apoiemos os nossos dirigentes em qualquer posição, especialmente na igreja local. Oremos por eles



PERDÃO E RECUPERAÇÃO— SERÁ PEDIR DEMASIADO?

—PAUL TARRANT

pecados, e não somente pelos nossos, mas, também, pelos de todo o mundo" (1 João 2:1-2). O apóstolo Tiago apresenta a mensagem de restabelecimento do seu Mestre: "Saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador salvará da morte uma alma e cobrirá uma multidão de pecados" (5:20).

para que não desfaleçam. Todavia, se caírem, tratemos com ternura suas feridas e convidemo-las não ao desaire público mas ao arrependimento, à recuperação e tomada de responsabilidade — em que as cicatrizes farão parte do seu ministério. Tratemo-las como família e esperemos ver neles a mesma recuperação que se realizou em Moisés, Davi e Pedro. □

NO CORAÇÃO dum culto nazareno de ordenação, os ordinandos são comissionados: "Tomai vós autoridade para pregar a Palavra e administrar os sacramentos". Entre as diversas atividades do pastor, a responsabilidade de "pregar a Palavra" é suprema. A exposição autêntica da Palavra de Deus, edificante e evangélica, pela qual a congregação espera ansiosamente, justifica e recompensa a reunião do grupo.

Mas porque é a Palavra pregada, recebida e vivida, tirada somente da Bíblia Sagrada, a biblioteca familiar de 66 livros que homens têm dado suas vidas para traduzir e propagar em mais de mil línguas? O Livro acha-se tão envolvido na história e vida do Judaísmo, do Cristianismo e de democracias com bases bíblicas, que é apresentado aos monarcas britânicos em sua coroação como "a possessão mais valiosa que este mundo tem".

Em que sentido são os escritos do Antigo e Novo Testamentos a única e perfeita Palavra de Deus à humanidade, incluindo toda a verdade necessária para se conhecer a Deus e ser conhecido por Ele, para se viver uma vida dedicada a Deus e responsável, e morrer na esperança certa e segura de ressurreição para a vida eterna? O Livro dos livros eleva-se sobre todos os outros escritos "sagrados", todos os "manifestos" políticos, e todos os escritos heréticos, pseudo-cristãos. A esta

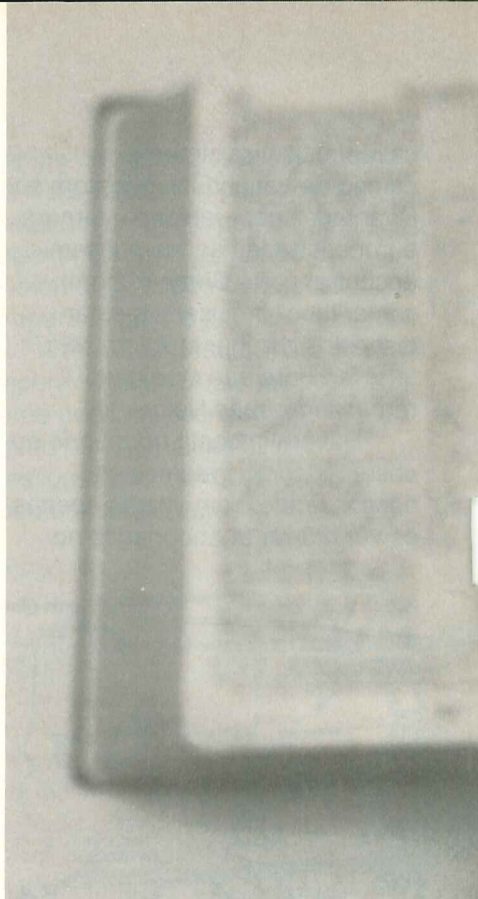
proclamação do Rei dos reis—dividida em dois grupos distintos de escritos mas ambos aprovados pelo mesmo editor-chefe, o Espírito Santo—atribuimos uma inspiração e autoridade não achada em nenhum outro livro.

Por que tem a Igreja aceito esta biblioteca como única? Por que declaramos que "toda a Escritura é dada por inspiração de Deus"; que é a Palavra infalível de Deus, tão distinta da afirmação reticente, que "Ela contém a palavra de Deus"?

Do ponto de vista puramente literário, a Bíblia proclama tudo que a humanidade precisa e anseia. Ela abre com luz, atreve-se a dizer que Deus é amor, e sua palavra-chave é *vida*. Ela abarca a totalidade da peregrinação humana, do berço ao caixão. E na escuridão da morte declara: "Ele não está aqui; ressuscitou" (Mateus 28:6). Suas Beatitudes

revertem todos os valores egoístas e a poesia inigualável de I Coríntios 13 coloca a vida ideal ao alcance de todos. Em cada geração, ela tem chamado e levado a humanidade à liberdade, filantropia, santidade e céu. Supremamente, a Bíblia fala aos corações humanos do amor do Pai, Filho e Espírito Santo por cada indivíduo no mundo. Ela revela esse amor na criação e na aliança de Deus com a nação escolhida de Israel. As alianças redentoras universais do Calvário e Pentecostes, bem como a criação e comissão da Igreja para alcançar e abençoar um mundo

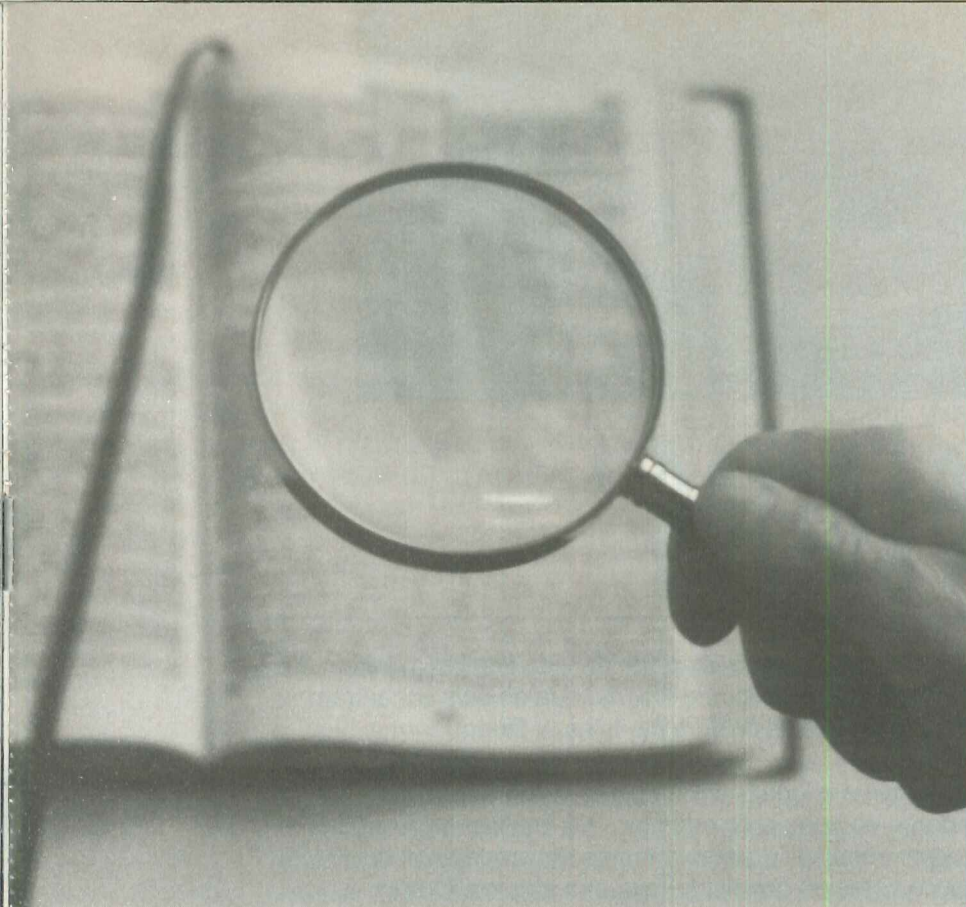
PORQUE ACREDITAR NA BÍBLIA?



necessitado, são a linguagem e anseio do amor divino. A Bíblia inclui tudo o que os corações humanos desejam ardentemente, tudo o que o lar e família significam, e tudo de que precisa o mundo.

Os 66 livros diferem em extensão, conteúdo, propósito e estilo. Nenhum dos escritores sabia que estava escrevendo para a biblioteca dos tempos. Entretanto, é tal o milagre da preservação e seleção que, se faltasse um livro, seria como estivesse incompleto o espectro do arco-íris. Presentes através da biblioteca completa e unindo-a na singular Palavra de Deus, estão as linhas douradas de revelação e redenção. Esta unidade absorve e ultrapassa séculos de composição e traduções, como o faz com as variadas personalidades dos autores, dois dos quais no mínimo são anônimos.

Unidade não implica numa vista "achatada" de inspiração, dando a cada livro a mesma importância. Quem colocaria Eclesiastes e Atos, ou os



Cantares de Salomão e Hebreus, ou Ester e João no mesmo nível de verdade reveladora e salvadora? Finalmente, todo o livro deve ser endereçado e interpretado na luz total da pessoa, ministério, ensinamento e trabalho redentor de Jesus. “Havendo Deus, outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho...” (Hebreus 1:1-2). O gênio do Espírito Santo inspirou homens com rápidas aparições fragmentárias ou magistrais de verdade, dadas em percepção gradativa ou num clarão ofuscante, à medida em que suas mentes eram capazes de receber. Suas limitações, preconceitos e individualidade não são cancelados nem escondidos—mas dá-se uma revelação progressiva, a partir do Éden, até à revelação perfeita de Deus em Cristo. Esta revelação é tão completamente capturada no Novo Testamento que João 3:16 e I João 3:1-3, por exemplo, encerram a mensagem da

salvação, abraçando a natureza de Deus, o homem, o pecado, a santidade, a glorificação e a pessoa de Cristo.

Como literatura e biblioteca, a Bíblia é suprema, do seu primeiro “Disse Deus” ao seu “Amém” final. Não é um livro adocicado, pois às vezes ele sobe ao céu e outras vezes desce ao inferno. Mártires e assassinos, amor e desejo, avivamento e apostasia, fidelidade e incesto, santidade e vilões aparecem em suas páginas. Ela não evita qualquer aspecto de motivo e comportamento, vida e sociedade, igreja e estado. Miraculosamente, através de toda a sua história humana, ela testifica sobre o desgosto de Deus com o pecado, Sua misericórdia eternamente sofredora, e Seu amor intercessor.

Mas somente à medida que estas verdades são perfeitamente exemplificadas no que disse. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14:6), e apenas quando a fé aceita o trabalho redentor da paixão e ressurreição de Cristo, a verdade se torna viva

e liberadora. Repetições vazias de “A Bíblia diz” ou credo e tradição divorciados de vida e realidade, não têm poder salvador. São uma carta que mata, pois a fé salvadora transcende a admiração literária, qualquer maravilha para bibliotecas rotulada de *best-seller* mundial, ou a mera familiaridade com o capítulo e o verso, o credo e o catecismo.

A fé salvadora é uma fé do coração, nascida do ouvir, receber e obedecer o divino testemunho e convites das Escrituras Sagradas. Tal fé, por sua vez, testifica:

*Conheço o Autor
e sei que a Palavra de Deus é verdadeira;*

Em tempos de tristeza traz alívio

e me diz o que fazer.

Como amo tanto suas

páginas,

pois tenho descoberto a

Rocha das Idades,

conheço o Autor

e sei que é verdade.

Deus perdoou o pecado antes que houvesse uma Bíblia escrita, e planejou santidade para homens caídos antes do mundo começar. Ele unicamente Se revelou a Si mesmo e Sua grande salvação através de profetas e da história, acordos e tipos, uma nação e uma igreja, mas suprema e completamente através de Seu Filho. Essa revelação foi documentada em forma inspirada e escrita de modo a preservar para todos os homens, por todos os tempos, os convites e os privilégios da graça. □

—ALBERT J. LOWN



EM FAMÍLIA ADORACÃO

Quando a adoração faz parte da vida familiar, o jovem adulto absorve esse costume e sente que os pais encontram nele uma Presença para além da deles, a Quem reverenciam.

O tempo e o lugar para a adoração em família dependerão do horário de cada lar. Há famílias organizadas que podem começar o dia com tempo dedicado ao culto doméstico antes ou depois do pequeno almoço. Outras acham que a hora mais apropriada seria a do jantar ou qualquer outro tempo da noite.

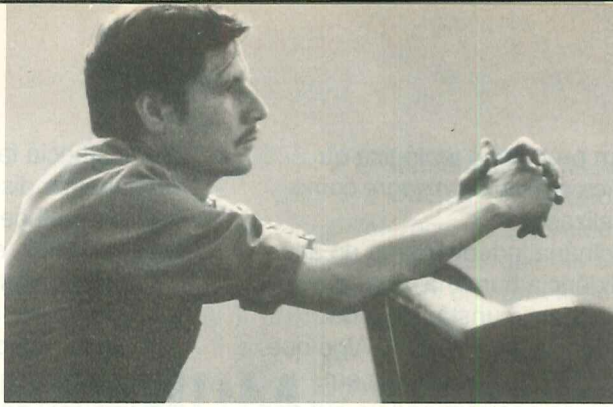
O culto bem organizado começaria com uma leitura da Bíblia ou dum texto devocional apropriado. A leitura não precisa ser longa; nem se espere que seja sempre o pai ou a mãe a lerem. Todos os membros da família devem ter a oportunidade de participar.

Em seguida, dedique-se algum tempo à troca de ideias acerca da passagem lida. Cada pessoa deve compartilhar com os outros os seus pensamentos. A conversa entre os membros da família é uma preparação para se falar com Deus.

A oração deve incluir pedidos especiais ou necessidades. Cada participante deve apresentar suas preocupações. Se todos os membros da família participarem, então bastará cada um fazer uma breve oração. Geralmente as crianças não sentem inibição em apenas com uma frase expressarem a Deus seus pedidos particulares. Este procedimento une a família ao compartilharem juntos as preocupações individuais.

O canto pode fazer parte do culto familiar. As pessoas não se esquecem dos hinos ou coros que gostam de cantar. E também podem usar o hinário da igreja. As crianças nem sempre compreendem o significado das palavras do canto, mas elas representam o amor e a graça de Deus. Há, também, muitos hinos novos e os adolescentes gostam geralmente de cantar aqueles que são próprios da região. As lembranças das ocasiões em que cantamos juntos transmitemos alegria no futuro e torna-nos mais sensíveis ao amor de Deus e à gratidão. "A família que ora unida, permanece unida". □

—MYRON L. TWEED



SOLIDÃO

A solidão é universal. Os seus sintomas fazem-nos sofrer a todos. Mesmo assim, raras vezes falamos dela ou admitimos senti-la. Reconhecer a solidão é aceitar que realmente precisamos de outras pessoas e que não somos auto-suficientes nem estamos sempre satisfeitos.

Provavelmente a maior parte do tempo nem sequer reconhecemos que estamos sós; a negação torna-se mais tragável quando lhe aplicamos o rótulo de “nervosismo” ou “descontentamento”. É mais fácil manter-nos ocupados, trabalhar duro e ter outras actividades do que enfrentar o isolamento.

Descobri a raiz da solidão na universidade enquanto lutava com emoções profundas e negativas que não faziam sentido. Recostada na cama, lendo um livro de filosofia, deparei com um parágrafo que apresentava o que os filósofos chamam solidão existencial. Descrevia exactamente o que eu sentia: nunca ninguém podia ter a minha pele, ver com os meus olhos ou sentir com o meu coração. A minha vida só podia ser vivida por mim. O que acontece dentro do meu corpo só eu o posso experimentar.

Deus enviou Jesus para viver como eu num corpo em que ninguém podia partilhar completamente a Sua vida.

Também Ele experimentou a solidão. E conhecendo Ele a minha, agradeceu-Lhe pela presença do Espírito Santo. Porque, pela presença do Seu Espírito, Deus habita no meu coração. Somente Ele pode penetrar no meu ser e estar comigo em tudo o que me acontecer na vida.

A frase de Santo Agostinho, tantas vezes repetida, é universalmente evidente: “Tu, Senhor, nos criaste para Ti e o nosso coração está inquieto até repousar em Ti”. Isto é reconhecer que só o Espírito de Deus pode trazer uma paz que permanece e uma intimidade interior nos momentos de solidão.

É possível que o isolamento seja uma experiência universal precisamente porque nos ensina a ser compassivos. Li algures esta frase: “A ferida que produz o isolamento no nosso coração torna-nos mendigos da ternura de Deus”.

Depois de oferecermos a nossa solidão ao Senhor, devemos realizar algumas acções práticas.

Opina certa escritora que há tempo em que devemos descansar e mostrar gratidão àqueles que Deus colocou na nossa vida. Isso ajudou-me. A sugestão recebida leva-me com frequência a escrever, a telefonar ou a sentar-me calmamente permitindo que Deus me recorde alguém que necessite de oração.

Conheço certa mãe solteira que decidiu não passar o Natal sozinha. Desejava que o filho tivesse a experiência duma família numerosa. Por isso, convidou outra mãe com vários filhos a comer com ela. A minha amiga foi recompensada com um feliz Natal. A promessa do Salmo 68:6 é bem certa: “Deus faz que o solitário viva em família”. Por vezes precisamos fazer a nossa parte revelando a outros a necessidade.

Uma pastora metodista aposentada e viúva tem o costume de telefonar para alguém quando se sente só. Recebo sempre com júbilo os seus telefonemas. Sinto-me honrada com o interesse pessoal que me dedica. Diz-me com frequência: “Precisava de uma amiga, por isso telefonei-te”. Admiro a sua honestidade!

O nosso tempo de isolamento pode ser algo que tememos ou converter-se em oportunidade de admitirmos que precisamos de Deus e de outras pessoas. A solidão, em vez de ser coisa abominável, é realmente uma oportunidade de recordarmos quanto precisamos de Deus e uns dos outros. □

—REBECA LAIRD

MILAGRE

—FERNANDO DE SÁ NOGUEIRA



Sem pretensão teológica ou linguística definimos *milagre* como uma realização extraordinária, independente de ação ou inteligência humana, dentro de determinada circunstância e de consequência imprevisível. Algo que ultrapassa os limites do homem.

Milagres ocorrem onde e quando a soberana vontade de Deus entender ou determinar.

Ficamos demasiado preocupados com a ênfase que vem sendo dada, por alguns, nos dias que ocorrem. Chega-se até a eliminar o valor da excepcionalidade dos milagres e, indo um pouco mais adiante, a impressão que nos fica é de que até a vontade de Deus se anula ou é dispensada ante uma suposta fé. Não se cogita da imperiosidade da vontade de Deus. Ao que parece, Ele, no exercício do Seu poder, acaba por se tornar “escravo” de uma possível fé. Absurdo!

Li na fachada de uma igreja: “Milagres a qualquer hora”. Há subtileza nessa frase. Milagres não acontecem a qualquer hora, mas na hora de Deus. A ação da soberania de Deus não depende de hora, mas da Sua vontade determinante.

No nosso entender colocamos aqui três aspectos que envolvem um milagre:

Circunstância — Em todos os milagres narrados na Bíblia ou registrados no ministério dos Seus servos, ao longo da história do povo de Deus, existe sempre uma circunstância que antecipa a ação oportuna e excepcional do Senhor. Moisés atravessou o Mar Vermelho: um exército estava no seu alcance. Josué também atravessou o Jordão: havia uma herança além-rio. Elias e Eliseu também atravessaram o Jordão tocando a água com os respectivos mantos numa reafirmação da presença de Deus no ministério deles. Todavia, Jesus Cristo atravessou o Jordão várias vezes num pequeno barco. Entretanto, em pleno temporal, andou sobre as ondas enfurecidas para chegar aos já atemorizados discípulos. Nessa

circunstância faltaram barcos e marinheiros dispostos a transportar sobre vagalhões um passageiro de bolsos vazios, embora ilustre.

Em circunstâncias cruciais Deus sempre opera, não que elas se tornam num factor coercivo para desencadear a Sua ação. Ele sempre age na hora de crise. Jamais exhibe o Seu poder para impressionar o homem, mas sempre opera pelo homem.

Facto — Nunca houve um milagre que não pudesse ser comprovado. “Ide e anunciai a João Batista o que estais *ouvindo* e *vendo*: Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho” (Mateus 11:4-5). Jesus não pedia aos discípulos que transmitissem uma informação jornalística mas a constatação visual e audível de factos patentes em pessoas de identidades e endereços reconhecíveis. Totalmente inverso ao que os milagreiros de plantão, através de métodos e técnicas subliminares tentam induzir aos indigentes da fé.

Jamais foram necessárias tentativas de se provar um milagre de Cristo. Nem se requisitaram atestados ou exames. Eram e são factos concretos e absolutos que por si só se configuram e se confirmam em decorrência de uma circunstância factível.

Consequência — Deus tem propósitos. Além de uma cura que acontece por Sua interferência, a solução dum problema humanamente insolúvel, existem os reflexos da ação de Deus. São extensos, abrangentes e profundos. Vão além do presente. Não se restringem ao facto em si mesmo, mas transformam-se em ondas de certeza, esperança e fé envolvente que acabam atingindo pessoas para além do raio da ação do facto. O que Deus faz, na esfera do humanamente impossível, através dos Seus instrumentos consagrados e humanos sempre aponta para Aquele que é o consumidor da nossa fé — JESUS CRISTO! □

NENHUM COMPROMISSO

—SONYA BARTSCH



Pouco depois de terminar os estudos universitários tive de pedir trabalho num restaurante perto de minha casa. O emprego era razoável como trabalho provisório e só de verão, mas não permanente. Eu roguei a Deus que não me deixasse ficar nele por muito tempo. Sentia ali muita pressão para fazer coisas contrárias à ética cristã. E eu não desejo comprometer-me com o mundo. Gosto de ler no tempo livre. Agora mesmo acabo de ler o livro *No Compromise* (Nenhum Compromisso). O marido da autora, um compositor e músico de renome, morreu num acidente aéreo. O livro exala ternura e anima o leitor que se encontra vacilante na fé. Ao terminá-lo fiquei com esta frase na mente e no coração: "Nenhum Compromisso". Comoveu-me em especial um parágrafo que comentava a vida desse compositor. Ele confiava tanto em Deus que numa oportunidade difícil disse em oração que estava novamente disposto a dar o filho a Deus se essa fosse a Sua vontade.

Imediatamente recordei a imagem de Abraão oferecendo a Deus o único filho. Era o que ele cria ser fé sem compromisso, sem regatear.

Hoje é comum encontrar-nos em situações em que temos a tentação de "fazer compromisso" com o mundo por um momento de prazer. Às vezes é fácil ceder por insistência de amigos. Vendemos a nossa salvação e o nosso relacionamento com Deus por um pouco de satisfação. Eu sei, por experiência própria, que às vezes a tentação é muito forte. Devo acrescentar que até pode ser muito perigosa.

Quantas de minhas amigas vieram ter comigo a chorar por se terem deixado arrastar por sugestão arriscada e pecaminosa! Satanás deseja que abramos um pouco a porta da nossa vontade para enjaular nela a nossa atenção e emoções. E nós caímos na armadilha!

A fórmula perfeita para nos comprometermos com o mundo é andarmos com más companhias e considerarmos a tentação como mera possibilidade. O ponto determinante é quando ficamos parados a pensar: "Devo fazer isto ou não?" Trata-se dum momento decisivo porque ainda podíamos fugir da tentação.

Sendo jovens cristãos, tão humanos como quaisquer outros, devíamos apressar-nos a fugir de situações comprometedoras. Certamente não é cobardia reconhecer que somos fracos e que podemos

pecar. Cobarde é o jovem cristão que se deixa manobrar pelos amigos.

1. O segredo da vida cristã sem compromisso com o mundo principia quando nos entregamos totalmente a Deus, confiando que Ele nos ajudará em qualquer situação. Mas o nosso dever é não ceder.

2. Jesus ensina-nos com o Seu exemplo. Nunca comprometeu o Seu ministério ou santidade obedecendo ao mundo, por difícil que fosse a tentação. Ele conviveu com ladrões, prostitutas, exploradores, mentirosos, pecadores e até enfrentou o próprio Satanás, mas nunca pecou.

3. Jesus ensina-nos ainda que podemos viver no mundo sem nos comprometermos com ele. Podemos conviver com pecadores sem pecar.

Uma coisa é conviver com pecadores para os converter e outra é conviver com eles porque pecamos às escondidas. O Mestre enviou Seus discípulos em missão pelo mundo, mas advertiu-os: "Ide, eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos... Mas em qualquer cidade em que entrardes, e vos não receberem, saindo pelas suas ruas dizei: Até o pó, que da vossa cidade se nos pegou, sacudimos sobre vós" (Lucas 10:3,10-11).

Apliquemos a nós próprios a lição: caminhando como cordeiros num mundo cheio de lobos, sejamos sábios e não permitamos que se nos apegue ao calçado o "pó" do pecado. □

“Eu não gosto de flocos de aveia”, lamuriou Susana ao pequeno almoço. Ela lastimava-se porque tinha de limpar o quarto. Rabujava porque não tinha com quem brincar. “Eu sou tão feia”, lamentou. “Odeio estas sardas. Como desejava ser bonita!”

Finalmente, eu não consegui aguentar mais os seus queixumes. “Assenta-te nesta cadeira, menina!”, ordenei no meu tom de voz mais autoritário. “É tempo de termos uma conversa”.

“Eu não quero isso”, choramingou Susana. “Quero brincar com alguém.”

“Bem”, disse eu, continuando a cozer o bolo,



“primeiro veremos algumas coisas. Depois creio que estarás mais apta para brincar. Diz-me agora uma coisa pela qual estás agradecida”.

“Eu não posso pensar em nada.”

“Estás grata pelo papá?”

“Sim”, respondeu finalmente.

“E pela mamã?”

A nossa filha teve dificuldade em começar mas, depois de algum estímulo, veio com uma lista impressionante de bênçãos. Então seguiu o seu caminho sentindo-se melhor.

Fazer com frequência um inventário beneficia a todos. Quando enumeramos as bondades de Deus, aumentam as nossas emoções. A tristeza converte-se em alegria. A depressão dá lugar ao regozijo.

Uma epidemia de depressão está a espalhar-se por todo o mundo. Milhares estão a espojar-se na lama do desespero. Os cristãos não estão isentos desta praga. Tanto ministros como leigos são apanhados por sua garra tenaz.

De acordo com autoridades, os factores genéticos e a experiência da infância podem ter um papel preponderante nesta angústia. Perturbações bioquímicas, depressões prolongadas, doenças

físicas, trabalho excessivo, preocupação demasiada, baixa auto-estima, crises de meia idade e traumatismo estão também incluídos na lista de causas motivadoras.

Depressão grave requer aconselhamento e assistência médica, tratamento adequado e compreensão. E tanto um cristão como um pagão precisam igualmente de ajuda profissional se o problema é crítico.

No entanto, muitos cristãos podem evitar profunda tristeza se contarem mais vezes as bênçãos recebidas. Agradecer promove cura emocional.

Quando reconhecemos Deus como o nosso Criador e Doador de toda a dádiva boa e perfeita, Ele Se compraz. A Sua aprovação afasta a nossa tristeza e concede alegria.

Paulo advertiu na Epístola aos Colossenses: “Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim, também, andai nele, arraigados e sobreedificados nele, e confirmados na fé... abundando em acção de graças” (2:6-7).

É muito mais fácil observar alguém sob o aspecto negativo do que positivo, concentrar-se em algo desagradável em vez de agradável, ver apenas o preço a pagar em vez do prémio a ganhar.

Porém, um vendedor de automóveis nunca faz negócio

apontando defeitos, desvalorizando a mercadoria ou salientando o preço exorbitante. Por outro lado, ele exalta entusiasticamente as qualidades do seu carro. E conseqüentemente o comprador em perspectiva chega a sentir que não pode viver sem esse meio de transporte. Assim o vendedor consegue negócio.

Os cristãos desanimados perdem não só muito da sua vida mas também comprometem o seu testemunho. Estaremos nós a revelar a alegria que Cristo nos dá? Conseguimos vencer o “não salvo” a desejar o nosso “produto”? Se não, talvez estejamos a falhar um pouco no ministério de gratidão.

Quanto a Susana, ela hoje já é adulta e capaz de reconhecer as suas bênçãos sem a minha ajuda. Mas a terapia da gratidão continua em acção. Como o sei?

Ocasionalmente eu sinto a necessidade de fazer o que ordenei há vários anos à minha filha naquela manhã de sábado. E quando começo a alistar as coisas por que estou grata, as minhas emoções também aumentam. Em vez de me espojar no desespero, a vida torna-se novamente aceitável. Deus tem sido tão bom para mim. Continua a ser bondoso. E Ele nunca mudará. □

—PAULINE E. SPRAY

QUEM SALVARÁ AS CRIANÇAS?



O Dr. Robert Prescott, coordenador assistente dos Ministérios Nazarenos de Compaixão e o Rev. Harmon Schmelzenbach, director de campo para a África Oriental, viajaram pelos países desta área. Procuravam avaliar as necessidades mais urgentes e desenvolver uma estratégia em que os nazarenos das igrejas locais pudessem ajudar.

SIDA converteu-se numa epidemia que afecta a maior parte dos países africanos. Há áreas em que 50% dos adultos contraíram a enfermidade. Um aquartelamento militar registou 95% de casos positivos.

Existe um rápido aumento no número de mortes causadas pelo "adelgaçador", nome comum dado

à SIDA pelo emagrecimento das vítimas nos últimos estágios da doença.

Perante o grande número de mortes que se esperam nos próximos anos, especialmente entre pessoas com posições de destaque, qual deverá ser o plano da igreja? Serão afectados os serviços do governo? Poderão continuar abertas as escolas públicas? Se morrer a maioria dos proprietários de empresas e empregados, até onde será afectada a economia?

E que acontecerá a milhares e milhares de crianças?

Em quase todos os países africanos onde trabalha a Igreja do Nazareno, 50% da população tem menos de quinze anos de idade. A guerra civil, a pobreza e a fraca produção agrícola têm impedido que muitas crianças assistam à escola. Permanecem na ignorância até que alguém lhes dê oportunidade de aprender.

Os adolescentes necessitam preparação académica e vocacional de acordo com a sua cultura. Poderá a igreja ajudá-los a se afastarem de crimes, drogas e insubordinação? Poderá conduzi-los a Jesus e prepará-los para uma vida produtiva?

E quanto aos órfãos? Geralmente são crianças abandonadas entre um e dez anos de idade, sem pais ou familiares. As guerras civis e a morte recente de um ou de ambos os pais, por SIDA, deixam milhares de crianças sob tutela alheia que lhes garanta alimento, roupa e casa.

Em geral os governos não têm dinheiro nem recursos para atender às necessidades de órfãos. Algumas famílias procuram adoptar essas crianças; mas, sendo inadequados os serviços de saúde e um tanto prejudicados por práticas culturais, SIDA espalha-se por vilas e famílias inteiras. Desta forma muitos meninos ficam ao

abandono sem alguém que cuide deles.

As nossas igrejas locais procuram ajudar. Muitas delas querem abrir escolas pré-primárias para dar oportunidade a essas crianças de quatro a seis anos de entrarem no sistema escolar público. Os Ministérios Nazarenos de Compaixão fundaram oito escolas deste género. Elas servem uma refeição nutritiva, mas ainda há necessidade de muitas mais.

Outras igrejas desejam iniciar programas de preparação académica e vocacional. Carpintaria, construção, costura, artes manuais, agricultura, pecuária e até cursos de secretariado em centros urbanos, são recursos viáveis em que os jovens podem ganhar a vida. Mas necessitam-se fundos para material, ferramentas e professores.

A leste do Zaire o Dr. Prescott e o Rev. Schmelzenbach encontraram várias congregações que cultivavam milho e feijão para ajudar órfãos. Já forneciam fundos para uniformes escolares e livros a 62 órfãos adoptados por famílias da igreja. Mas essas crianças precisam de roupa, agasalho, calçado, uniformes escolares, livros, medicamentos e comida. As congregações da África Oriental estão a fazer quanto podem.

Os Ministérios Nazarenos de Compaixão ajudam centenas de órfãos vítimas de SIDA nessa parte de África. Missionários e obreiros nacionais servem o moribundo e o indigente, em nome de Jesus. Graças à nossa fidelidade ao Orçamento Geral e ao Fundo Nazareno para Fome e Desastres, são enviados recursos a nazarenos africanos para que alcancem milhares de adolescentes e crianças; e assim lhes podemos dizer com palavras e obras que "Jesus os ama"! □

A PALAVRA DE DEUS

—J. F. LEIST

Eu sou amiga provada e de confiança para milhões de pessoas e serei para você tudo o que me permitir:

- ☞ Incitá-lo-ei a entender a sabedoria.
- ☞ Dirigi-lo-ei pelos caminhos da rectidão.
- ☞ Arcarei com a amargura de suas desilusões.
- ☞ Encorajá-lo-ei nos fracassos e firmá-lo-ei nos êxitos. À minha frente desaparecerão seus desânimos.
- ☞ Desfarei suas dúvidas, aliviarei cargas, dissiparei trevas, mitigarei sofrimentos e consolarei tristezas.
- ☞ Serei a sua rocha de defesa.
- ☞ Iluminarei o seu caminho; enobrecerei o seu carácter.
- ☞ Saciarei a sua alma.
- ☞ Enriquecerei o seu espírito; serei fiel; reprovarei; corrigirei. E farei tudo por amor.

Ninguém penetrou ainda as minhas profundezas. Não obstante, nenhum sincero foi despedido vazio ou deixou de encontrar o meu coração. A minha riqueza é inesgotável. Os meus tesouros são incomparáveis. As minhas veredas são tão preciosas e convidativas como as vias mais importantes do pensamento.

A meditação descobre os meus mais íntimos segredos. A oração desvenda as minhas mais raras belezas. A fé capta os meus ensinamentos mais sublimes. A obediência assegura as bênçãos mais excelentes. O Espírito Santo é o meu intérprete infalível. Ele revelará as minhas verdades ao coração purificado, submisso, sedento e confiante.

Eu nasci de Deus, fui escrita para que você possa conhecer e crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus; e que, crendo, tenha a vida eterna através do seu nome.

Sou inspirada por Deus. Eterna. E sua Amiga.

**LEITURAS
BÍBLICAS
DO MÊS**

- 1 II Crônicas 4—6
- 2 II Crônicas 7—9
- 3 II Crônicas 10—13
- 4 II Crônicas 14—16
- 5 II Crônicas 17—19
- 6 II Crônicas 20—22
- 7 II Crônicas 23—25
- 8 II Crônicas 26—29
- 9 II Crônicas 30—32
- 10 II Crônicas 33—36
- 11 Ezequiel 1—3
- 12 Ezequiel 4—7
- 13 Ezequiel 8—11
- 14 Ezequiel 12—14
- 15 Ezequiel 15—18
- 16 Ezequiel 19—21
- 17 Ezequiel 22—24
- 18 Ezequiel 25—27
- 19 Ezequiel 28—30
- 20 Ezequiel 31—33
- 21 Ezequiel 34—36
- 22 Ezequiel 37—39
- 23 Ezequiel 40—42
- 24 Ezequiel 43—45
- 25 Ezequiel 46—48
- 26 Daniel 1—3
- 27 Daniel 4—6
- 28 Daniel 7—9
- 29 Daniel 10—12
- 30 Ester 1—3

**VERSÍCULO
BÍBLICO**

**“Vós pois, ó ovelhas
minhas, ovelhas do
meu pasto: homens
sois, mas eu sou o
vosso Deus, diz o
Senhor Jeová” —
Ezequiel 34:31.**

**DEPOIS
DA ORAÇÃO,
O FOGO!**

**“E acabando Salomão de
orar, desceu o fogo do céu”
II Crônicas 7:1-11**

O fogo simboliza a santidade de Deus, é para nós a imagem da incorruptibilidade. Foi esse fogo sagrado, a um tempo calor e luz, que desceu do céu quando Salomão acabou de orar.

Mas mais do que um símbolo do sagrado, o fogo tipifica, também, força santificadora. Não temos na terra elemento purificador que se lhe possa comparar. Onde a água é impotente, triunfa o fogo. Depois de uma epidemia, por exemplo, é às chamas que entregamos a roupa contaminada. Foi o grande fogo de Londres que livrou a cidade da tirania da praga que a assolava. Ora o mesmo se passa em relação à nossa alma. Só Deus, que é chama sagrada, pode destruir os germens do pecado, purificar-nos com o “espírito de ardor”. (Isaías 4:4). O nosso Deus é um fogo consumidor”. (Hebreus 12:29).

Desce, chama sagrada!
Consumo com o teu calor a
iniquidade que me contamina!
—John H. Jowett

ORE:

1. Por alguém que você sabe estar hoje sob o véu da adversidade. Dê-lhe uma palavra de encorajamento e apoio.

2. Pelas congregações nazarenas de expressão portuguesa da Holanda e da França, seus respectivos pastores, Revs. Jorge Maia e Noel Alves.

3. Em gratidão, por três ministérios específicos com êxito na sua igreja ou comunidade e pelos que se dedicam a eles.

4. Em louvor e apreço pela Palavra de Deus e quantos se acham hoje envolvidos na sua reprodução e distribuição a nível local e mundial. Dê graças pelos Gedeões. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Conflito com a Nossa Doutrina

✓ Em Actos 2:38, Pedro diz: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”. Não refutará este versículo a doutrina nazarena de duas obras da graça? E não ensinará ele que é requerido o batismo para salvação, e que ele é o meio da graça salvadora?

A resposta às duas perguntas é *não*. Antes de começarmos a construir uma doutrina sob o que Pedro diz em Actos 2, devemos recordar que nós temos apenas um pequeno esboço do seu sermão. Actos narra o sermão de Pedro em cerca de 600 palavras, incluindo cinco referências às Sagradas Escrituras. Portanto, o que temos aqui é o texto de Pedro e um breve resumo de seus pontos principais. Num ritmo regular de pregação (cerca de 130 palavras por minuto), todo o sermão registado em Actos levaria menos de cinco minutos a ser apresentado. Creio que Pedro, recém-batizado com o fogo pentecostal, por certo não limitaria a cinco minutos a sua pregação — qualquer que fosse o tempo marcado pelo relógio em uso.

O seu interesse parece fixar-se em que o plano total da salvação está aqui condensado numa única experiência. Note que quando consideramos as ideias chaves dos pontos principais num grande sermão, elas não se revelam numa única experiência momentânea. O esboço do sermão de Pedro foi algo parecido ao que se segue:

- I. Arrependei-vos — cada um de vós.
- II. Sede batizados. Se o vosso arrependimento for sincero, testificai dele publicamente.
- III. Recebei o perdão para vossos pecados de um Deus gracioso.
- IV. Contai com o dom do Espírito Santo.

Seria difícil aperfeiçoar esta mensagem de salvação total. A sequência e o conteúdo são válidos e não contradizem os ensinamentos históricos da Igreja, em geral, nem da Igreja do Nazareno, em particular. De qualquer forma, a doutrina nazarena de duas obras da graça não depende desta passagem. Baseia-se firmemente na totalidade das Sagradas Escrituras, na experiência dos santos, na liturgia clássica e na teologia cristã. Além disso, Actos 2, apesar de não formar uma doutrina completa do batismo, mostra a sua natureza e propósito. O batismo tem estado sempre associado ao testemunho do convertido em deixar o pecado e voltar-se para Deus. É uma proclamação sacramental, formal e pública da fé salvadora em Jesus Cristo. Nada nesta passagem bíblica, ou noutra, exige de nós pensar que o próprio batismo seja agência salvadora — só o sangue de Jesus pode salvar.

Comprar e Vender na Igreja

✓ Frequentemente a nossa igreja serve comida na cave, depois do culto nos domingos à noite, quando há reuniões sociais. Costuma-se pedir na altura uma “contribuição” monetária por pessoa. Crê que isto viola o princípio de guardar santo o Dia do Senhor, comprando e vendendo nele?

Dois factores me levam a crer que a sua congregação não viola as leis de Deus nem da igreja: (1) na prática, a pequena quantia em dinheiro não tem propósito lucrativo; e (2) o trabalho daqueles que preparam e servem a comida é feito como serviço cristão, sem a finalidade de “trabalhar para viver”.

Muitos nazarenos que eu conheço vão para casa depois do culto, nos domingos à noite, e vêem televisão. Estou certo que a maior parte deles estaria muito melhor numa dessas reuniões organizadas pela igreja.



O Rev. Noel Alves, esposa e filhos, obreiros nazarenos em Paris, França.

CARTA DE PARIS

Escreve de Paris, França, o Rev. Noel Alves: "Damos graças e louvores a Deus pelo trabalho que a Casa Nazarena de Publicações tem feito. Nós oramos muito por este ministério... para que permaneça para a glória de Deus.

Vamos começar brevemente uma outra Igreja do Nazareno na região Leste da França, em Português, entre os caboverdianos... Muitos contactos positivos já foram feitos.

Um jovem francês que teve contacto com os nossos membros de Ministérios Nazarenos de Compaixão foi tocado pelo amor de Cristo e está fiel à igreja. Tem talento de músico (pianista) e já se está familiarizando com os nossos hinos.

A ideia do lançamento de um curso de alfabetização e educação de adultos e iniciação à língua portuguesa, limitada a nossos filhos, emergiu da comunidade. Pegou. Constituiu-se um núcleo de trabalho no âmbito da Igreja do Nazareno, apoiado pela "Mutuelle du Cap Verd". Fazem-se contactos, procuram-se apoios — e a ideia é já realidade.

Não quisemos deter-nos pelas nossas vizinhanças, até porque o projecto pertence à comunidade.

Peço a oração de todos os irmãos de língua portuguesa pelo trabalho entre os imigrantes aqui em França." — Noel Alves.

N. E. Endereço da Igreja do Nazareno em Paris:
Église du Nazaréen
36, rue Myrha — 75018,
PARIS, FRANCE

DO BRASIL PARA PORTUGAL

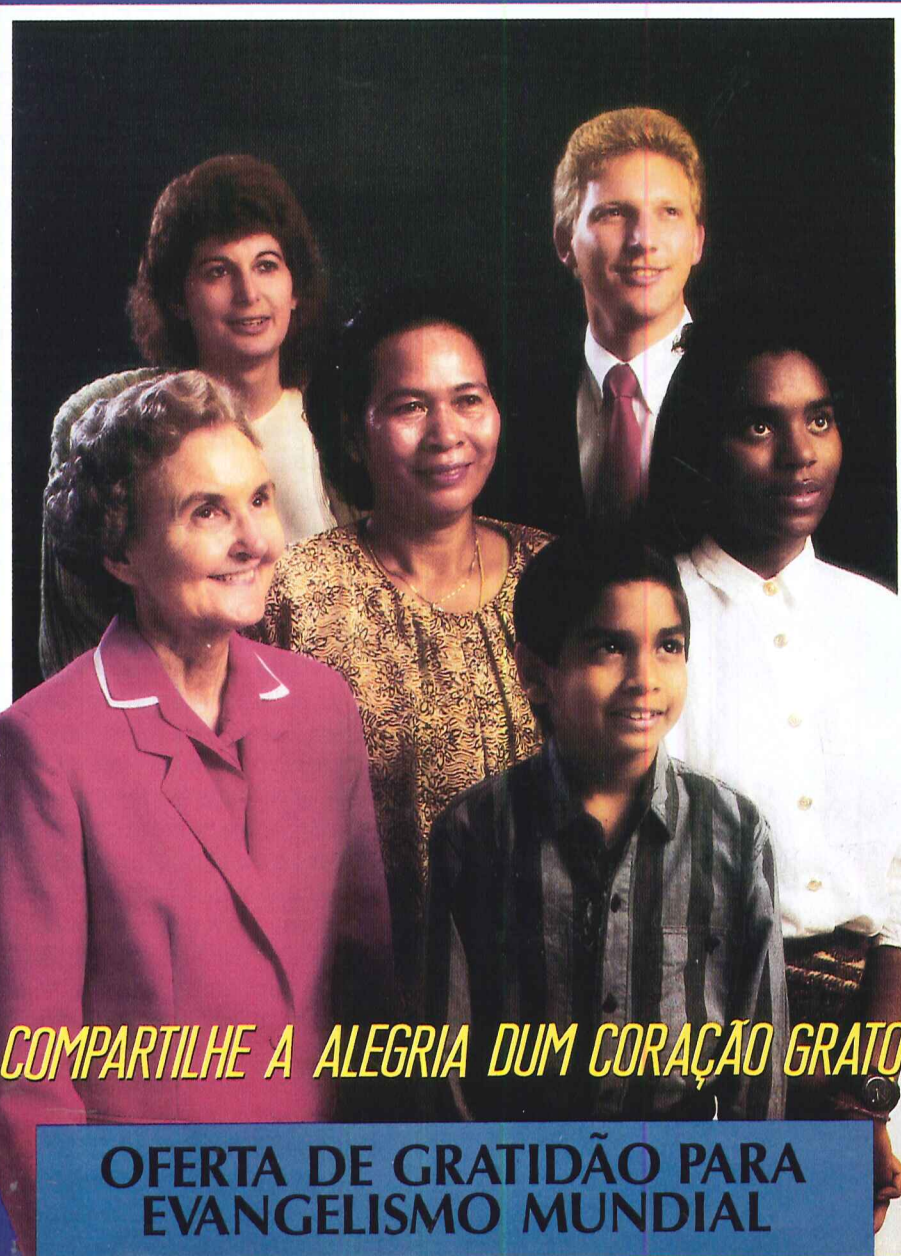
Com forte apoio do elemento caboverdiano, a Igreja do Nazareno estabeleceu-se oficialmente no Brasil em 1959. No espírito que sempre caracterizou o povo do Senhor, um casal de obreiros brasileiros partiu agora para Portugal, onde reforçará o número de pastores.

Trata-se do Rev. José Garcia e sua esposa, D. Aparecida que, a convite do distrito português, já se encontram no País. Ambos são formados pelo SIBIN — Seminário e Instituto Nazareno do Brasil. Os superintendentes brasileiros, em sua última reunião, sugeriram que as Sociedades Nazarenas de Missão Mundial do Brasil levarem uma oferta especial durante as respectivas convenções, para ajuda com as despesas de deslocação do casal Garcia. E pediram também ao povo que ore por graça, sabedoria e unção do Espírito sobre os jovens obreiros e seu ministério nas terras lusitanas. □



"Deixe a luz resplandecer nas trevas"

2 Coríntios 4:6



COMPARTILHE A ALEGRIA DUM CORAÇÃO GRATO

**OFERTA DE GRATIDÃO PARA
EVANGELISMO MUNDIAL**

IGREJA DO NAZARENO • SERVIÇOS DE MORDOMIA